

RESENHA BIBLIOGRÁFICA (1)

SALVEMINI (Gaetano). — *Storia e Scienza*. La Nuova Italia, Firenze, 1948, 148 págs..

A recomendação feita pela própria editora "La Nuova Italia", de Florença, a respeito do volume do prof. Salvemini, publicado na série "Orientamenti" sob o título *Storia e Scienza*, é altamente promissora: "Si potrebbe definire quest'opera una propedeutica agli studi storici... L'opera è di particolare utilità per quei giovani che, rivolgendosi a questo genere di studi, sentono la necessità di un metodo e di una guida sicuri."

Infelizmente, entretanto, somos levados a não concordar com tais palavras, que preparam o nosso espírito para o contacto com uma obra pesada, em que realmente se encontre conteúdo e que possa, realmente, ser encarada como um guia seguro, fornecedor de um método de trabalho para os que principiam o estudo da matéria. É muito pouco destas características encontra-se no referido volume. Para começar, o A. intitula o seu livro *Storia e Scienza* e, à pág. 24, assim se expressa: "Nel discutere il problema se la storia e le scienze sociali sono scienze, rinuncio ad ogni pretesa di elevarmi sopra l'umile terreno del senso comune alle alte sfere della filosofia. Non che mi manchi il desiderio di salire a tali altezze; semplicemente non ne ho la capacità. A tali altezze l'atmosfera è troppo rarefatta per i miei polmoni e il mio cuore. Negli scritti di molti filosofi dei giorni nostri, non ostante il massimo sforzo, io non capisco niente." Talvez o A., fugitivo do fascismo e refugiado nos Estados Unidos, se tenha impregnado do espírito excessivamente prático que tornou famosos os americanos do norte, sendo, assim, levado a afastar-se de toda e qualquer cogitação de ordem filosófica. Mas, neste caso, achamos estranho que se dedique (no volume em questão), a um tema essencialmente teórico e para cujo desenvolvimento parece-nos indispensável o recurso à filosofia. Aliás, podemos responsabilizar a incapacidade filosófica, que o A. confessa, pela sua própria definição de História: "...ogni sforzo tendente a ricostruire avvenimenti passati con l'aiuto di ciò che ne rimasto o delle traccie che essi hanno lasciato nella memoria degli uomini" (pág. 2). Tal definição, publicada em 1948, não depõe muito em favor do A., como facilmente se verifica: 1) — História sendo, antes de tudo, "ogni sforzo", reduz-se, primeiramente, a um dispêndio de energias e não à reconstrução de acontecimentos passados; ainda que este esforço não seja bem sucedido e que a reconstrução resulte inteiramente falsa, teremos sempre "um esforço tendente à reconstrução" e, portanto, História. 2) — Tomando-se a definição de Salvemini chegaremos a conclusões interessantes, sem dúvida, como esta, por exemplo: os produtores de Hollywood que realizaram a filmagem de "Sansão e Dalila" ou de "Os últimos dias de Pompéia" foram (talvez mais do que quaisquer outros), legítimos historiadores, uma vez que dificilmente encontraríamos reunidas, de maneira tão objetiva, as condições enunciadas na referida definição: esforço, tendência à reconstrução de acontecimentos passados (frizemos bem que não se trata do passado), com o

(1). — Solicitamos dos Srs. Autores e Editores a remessa de suas publicações para a competente crítica bibliográfica.

auxílio de vestígios e documentos que dêles nos restaram. E a propaganda cinematográfica, particularmente em relação ao primeiro filme que lembramos, insiste com força na maneira pela qual são estudados os cenários e os documentos para que se obtenha uma perfeita reconstituição. Já que se trata, no caso do prof. Salvemini, de aulas reunidas em volume, lembremos também aqui uma aula: a do prof. Braudel, na Sorbonne, ao inaugurar os cursos de 1951. Temos, aí, um professor de História, dirigindo-se aos seus alunos com a preocupação de orientá-los no caminho das novas diretrizes na matéria. Um caso semelhante é o do prof. Litt, de Bonn, que publicou uma conferência sob o título "Geschichtswissenschaft und Geschichtsphilosophie". Não fosse a concessada ogeriza de Salvemini pela filosofia e lembrariamos ainda o seu compatriota Croce, tão importante para o movimento historiográfico contemporâneo; de qualquer modo, entretanto, o volume do prof. Collingwood, "The Idea of History", em que uma boa parte é dedicada a Croce, é mais do que suficiente para demonstrar que a História é alguma cousa de mais complexa do que parece imaginar Salvemini.

Isto, entretanto, não quer dizer que não se recomende a leitura do volume. É, até, bastante interessante como distração para os espíritos cansados, que necessitem de repouso intelectual e que aí têm, inclusive, oportunidade de encontrar anedotas bem imaginadas, como a da bibliotecária que hesitava quanto à classificação de livros sobre a Imaculada Conceição por não saber se se tratava de Teologia ou de Embriologia (pág. 10). Leitura rápida, entretanto, para evitar perda de tempo com digressões inúteis, como aquela que se destina a demonstrar que "Os três mosqueteiros", de Alexandre Dumas, é um romance histórico, mas não uma obra de História... Isto, certamente, para evitar que algum discípulo mal avisado vá recorrer a Dumas para estudar história da França. Parece-nos, até mesmo, que uma advertência desta ordem pode ser considerada como uma ofensa para o auditório de Salvemini, constituído pelos estudantes da Universidade de Harvard, Cambridge Mass.). Entre outras, há também observações que podem ter qualquer outra característica, menos a de originalidade: "L'uomo che sa tutto su un dato argomento senza saper niente di tutto il resto restringe le sue attività intellettuali" (pág. 117); ou então: "Per evitare i cattivi risultati prodotti sulla vita interiore dall'eccessiva limitazione della sfera intellettuale abbiamo bisogno, oltre che di cognizioni specializzate e professionali, di una massa ampia e varia d'informazioni di ogni genere" (pág. 118). De fato, é necessário que tais descobertas sejam publicadas, porque, do contrário, dificilmente poderíamos chegar a elas por nossa própria conta... E isto é o suficiente, acreditamos, para que se tenha uma idéia de todo o volume do prof. Salvemini.

PEDRO MOACYR CAMPOS.

BUSCHOR (Ernst). — *Frühgriechische Jünglinge*, München, R. Piper & Co., 1950, 160 pp. e 180 ilustrações.

Desde meados do século VII até o início do século V surgiram na Grécia inúmeras estátuas de adolescentes, ornando santuários e túmulos e apresentando sempre umas tantas características que lhes asseguram um lugar bem destacado na história da escultura helênica. Trata-se de *jovens nus*, em pé, uma das pernas para a frente, braços caídos ou apenas elevados para sustentar algum objeto votivo, troncos rígidos — obedecendo à imobilidade da coluna vertebral —, cabeça também sem torsão ou inclinação mas com rostos resplandecentes, olhar brilhante, fisionomias em que se reflete uma vida integral, de irrepreensível beleza, puras representantes da mais alta espiritualidade, divinas no sentido grego ou em qualquer sentido (pág. 1). Ao estudo destas estátuas dedica E. Buschor o seu novo livro, cujas primeiras linhas revelam, de maneira suficientemente clara, o entusiasmo que anima o A. pelo objeto de sua